



CRIANÇAS QUILOMBOLAS E TRABALHO, REFLEXÕES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO – MG

Patrícia Maria de Souza Santana¹

Resumo: O artigo apresenta algumas reflexões sobre o trabalho infantil a partir das vivências das crianças do Quilombo Mato do Tição- MG. Discute-se como o trabalho se diferencia na vida das crianças ao longo do tempo, tomando como referência os depoimentos de mulheres adultas e idosas da comunidade. Comparam-se a esses depoimentos as experiências das crianças na atualidade em que o trabalhar é uma forma de inserção na vida familiar e comunitária, distanciando-se das atividades exaustivas e, às vezes, degradantes que outras gerações do Quilombo tiveram que se submeter para manterem a sobrevivência.

Palavras Chaves: Trabalho infantil; Crianças quilombolas; Quilombo; Infâncias negras.

QUILOMBOLA CHILDREN AND WORK, REFLECTIONS FROM THE EXPERIENCES IN QUILOMBO MATO DO TIÇÃO - MG

Abstract: The article presents some reflections on child labor based on the experiences of children in Quilombo Mato do Tição - MG. It discusses how work differs in children's lives over time, taking as a reference the testimonies of adult and elderly women in the community. These testimonies are compared to the experiences of children today in which work is a form of insertion in family and community life, distancing themselves from the exhausting and sometimes degrading work that other generations of Quilombo had to undergo in order to maintain survival.

Keywords: Child labor; Quilombola children; Quilombo; Black childhood.

QUILOMBOLA NIÑOS Y TRABAJO, REFLEXIONES DE LAS EXPERIENCIAS EM QUILOMBO MATO DO TIÇÃO – MG

Resumem: El artículo presenta algunas reflexiones sobre el trabajo infantil basadas em las experiencias de los niños en Quilombo Mato do Tição - MG. Discute como el trabajo difiere em la vida de los niños a lo largo del tiempo, tomando como referencia los

¹Graduação em História - UFMG, mestrado e doutorado em Educação pela UFMG. Integra o Programa Ações Afirmativas na UFMG. Professora da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Professora orientadora na FLACSO. E-mail: patsantana64@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4447-5038>.



testimonios de mujeres adultas y ancianas em la comunidad. Estos testimonios se comparan con las experiencias de los niños de hoyem las que el trabajo es una forma de inserción em la vida familiar y comunitaria, distancian dose del trabajo agotador y as veces degradante que otras generaciones de Quilombo tuvieron que realizar para mantener la supervivencia.

Palabras-clave: Trabajo infantil; Quilombola niños; Quilombo; Infancia negra.

LES ENFANTS ET LE TRAVAIL DE QUILOMBOLA, REFLEXIONS SUR LES EXPERIENCE DE QUILOMBO MATO DO TIÇÃO - MG

Résumé: L'article présente quelques réflexions sur le travail des enfants basées sur les expériences des enfants de Quilombo Mato do Tição - MG. Il examine comment le travail diffère dans la vie des enfants au fil du temps, en prenant comme référence les témoignages de femmes adultes et âgées de la communauté. Ces témoignages comparent les expériences des enfants d'aujourd'hui, où le travail est une forme d'insertion dans la vie familiale et communautaire, s'éloignant des activités épuisantes et parfois dégradantes que d'autres générations de Quilombo ont dû subir pour maintenir la survie.

Mots-clés: Travail des enfants; Enfants Quilombola; Quilombo; Enfance noire.

INTRODUÇÃO

*Com oito ela limpa casa de família, em troca de comida
Mas só queria brincar de adoleta
Sua vontade, esconde-esconde
Já que a sociedade pega-pega sua liberdade
E transforma em tristeza
Repetiu na escola por falta, ele quer ir, mas não pode
Desigualdade é presente e tira seus direitos
(Emicida e Drik Barbosa)*

Iniciar este artigo com alguns versos impactantes da canção composta pelos rappers Emicida e Drik Barbosa é uma opção para mobilizar reflexões sobre uma temática pouco pesquisada no campo das infâncias negras e quilombolas: o trabalho infantil, que atinge e impacta gerações de crianças em todo o país.

Em todo Brasil, refletir sobre os modos de vivenciar e perceber o trabalho infantil em mais de uma geração torna-se um importante meio para considerar e buscar compreender meninos e meninas em suas particularidades, inteirezas e percepções sobre si mesmas e sua vida em comunidade. Porém, no atual contexto, em que o mundo foi surpreendido pela pandemia da COVID-19, pouca importância é creditada à vida das crianças, especialmente: as negras, as quilombolas, as indígenas e as empobrecidas.



As crianças negras, segmento invisibilizado historicamente e colocado em situação de vulnerabilidade, têm sido atingidas pela extrema desigualdade, devido ao seu pertencimento racial, de classe e territorial. Essa situação de vulnerabilidade torna-se mais acirrada em um mundo pandêmico. As poucas notícias veiculadas nesse momento sobre meninos e meninas negras são aquelas referentes ao óbito de alguns deles.² Mortes evitáveis se a ética do cuidado fosse um princípio que deveria permear as relações sociais saudáveis e humanizadas, e que estivesse sendo colocada em prática pelas pessoas e instituições.

Segundo informações sobre a população adulta, principalmente de mulheres e suas famílias, os segmentos das classes populares, negras e indígenas têm suas vidas atravessadas por incontáveis condições de exclusão em relação à segurança alimentar, ao acesso à água potável, à higienização, às opções de lazer, à convivência familiar estável, ao acesso à leitura e a uma vida saudável: livres de doenças e violências (BEVILACQUA, 2020); (SOF; GÊNERO E NÚMERO, 2020); (SILVA; OLIVEIRA, 2020). De acordo com os levantamentos feitos pela SOF e Gênero e Número (2020), das mulheres que ficaram desempregadas, 58,5% são negras, das que sofrem violência, a maioria é negra e ainda do total que afirmam encontrar dificuldades em sustentar a casa, 55% são negras.

Em nota técnica (NT) de 2020, sobre os impactos da pandemia, a UNICEF elaborou uma série de indicadores e estratégias para a garantia dos direitos de todas as crianças. Quanto às preocupações apontadas pela NT, algumas delas dizem respeito à proteção das crianças, como o aumento do envolvimento dessas em trabalho perigoso, exclusão social, discriminação social e racial e impactos desproporcionais da pandemia sobre grupos marginalizados e desfavorecidos. Porém, mesmo antes da pandemia, muitas crianças já eram expostas a muitas formas de opressão, logo, os efeitos deste surto, no presente e no futuro, atingem e atingirão as populações empobrecidas do Brasil, e desse contingente, a maioria constituída de pessoas negras.

Com essas breves considerações em relação ao agravamento das desigualdades que afetam particularmente as pessoas empobrecidas e negras no Brasil e, por conseguinte, as crianças, este artigo considerará as preocupações e angústias, que permeiam a vida das pessoas brasileiras, além de trazer muitas interrogações para os

² Como exemplo os casos emblemáticos dos meninos negros João Pedro atingido por policiais em Niterói e do Miguel, morto após queda em edifício em Recife, casos esse que tomaram os noticiários nacionais.

pesquisadores e as pesquisadoras da infância. Uma dessas interrogações diz respeito ao trabalho infantil e sua incidência entre as crianças negras.

O presente texto tem como um dos objetivos apresentar, brevemente, como o trabalho infantil (TI) atravessou três gerações de forma distinta em um quilombo na região metropolitana de Belo Horizonte. Apontamos como possibilidade a ressignificação do trabalho infantil, dependendo do seu contexto, como integrante das culturas infantis, e um importante componente nos processos de aprendizagem comunitária. Veremos também que o trabalho infantil degradante atinge e ainda continua presente na vida de crianças quilombolas em todo o Brasil. Consideramos fundamental a erradicação desse tipo de exploração, no entanto, o que se verificou na pesquisa realizada no Quilombo Mato do Tição foi uma forma de trabalho diversa da que comumente conhecemos em outras realidades e contextos.³

O QUILOMBO MATO DO TIÇÃO E SUAS CRIANÇAS

A Comunidade quilombola do Mato do Tição localiza-se na cidade de Jaboticatubas (MG), distante 4 km da sede da cidade. Com um território de 3,2 hectares, possui 35 famílias com um contingente populacional em torno de 180 moradores com 34 residências. Em 2004, foi criada a Associação Quilombola de Mato do Tição, que, em 2006, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares (SANTANA, 2015).

Mato do Tição ou Matição, como também é conhecido, possui uma forte dinâmica cultural que está entrelaçada a religiosidade afro-brasileira e afro-mineira, de um catolicismo popular de devoção aos santos e às santas, rituais do candomblé, benzeções, ladainhas, rezas do terço (rosário), festividades religiosas e, mais recentemente, festejos associados ao mês da consciência negra e também a saída bloco de carnaval, chamado QUIMATIC.

As crianças constituem um pequeno grupo dentro do Quilombo e são ativas e participantes em praticamente todas as atividades realizadas na comunidade: festas, rezas, encontros comunitários e oficinas realizadas por pessoas internas e externas do grupo.

³ Este artigo é fruto dos desdobramentos da pesquisa de doutorado concluída em 2015 na Faculdade de Educação da UFMG, cuja tese tem o seguinte título: Modos de ser criança no Quilombo Mato do Tição-Jaboticatubas-MG.

Essas crianças também acompanham o processo recente de afirmação da identidade negra em diálogo com a identidade quilombola que se consolida através de várias vivências e experiências, que reúnem desde o contato com as lideranças da própria comunidade, como também de outras regiões. Elas veem crescer o interesse público pelo Quilombo, principalmente no que tange à sua cultura, que se mantém de geração em geração. Elas são indagadas e indagam-se quanto ao seu pertencimento racial, ao significado de serem quilombolas, às visões preconceituosas que ainda persistem sobre si mesmas e suas famílias, e constroem estratégias não somente para responderem de forma positiva sobre o que são como para elaborar suas próprias identidades.

Em outras palavras, essas elaborações das crianças são tecidas na convivência com os e as mais velhas, na participação ativa na vida comunitária, nas vivências dos valores familiares, na espiritualidade praticada cotidianamente de várias formas, na elaboração de repertórios culturais próprios e em suas formas de conceberem e experimentarem o mundo. Produzem também suas próprias dinâmicas culturais através das brincadeiras, da participação nas festividades, nas relações e interações com seus pares e com os adultos, na tessitura de significados, a partir de suas compreensões sobre a vida e seus modos de viverem a infância.

Dentre as dinâmicas presentes na vida das crianças de Mato do Tição, uma delas diz respeito aos trabalhos que realizam cotidianamente em suas casas e em seu entorno. É sobre este tipo de trabalho e as variantes da ocupação do labor infantil, presente na comunidade, ao longo do tempo e que atravessou algumas gerações que discorreremos. Diante dos limites da pesquisa e desse artigo, nos restringiremos a três gerações, a saber: a das próprias crianças, de suas mães, tias e avós.⁴

Os recursos metodológicos utilizados especificamente nessa temática foram a observação participante, o registro fotográfico, as conversas direcionadas e as entrevistas gravadas (nesse caso somente com pessoas adultas).

As perspectivas teóricas que dialogam com os nossos pressupostos são aquelas que consideram o ser criança como atores/atrizes sociais, agentes de mudança, produtoras de cultura e participantes nos processos de descolonização da vida e das formas de fazer

⁴ A pesquisa de campo foi realizada no período de 2012 a 2014 e procurou abarcar os diferentes e abrangentes modos de ser criança na Comunidade de Mato do tição considerando: as brincadeiras, a participação nas festas, os aprendizados, as vivências com a discriminação racial, a interação entre pares, a percepção do lugar em que vivem, os trabalhos realizados dentre outros.



pesquisa (SARMENTO, 2008). Igualmente apostamos no potencial das crianças negras e quilombolas como pessoas que constroem percursos pessoais e coletivos de resistência e enfrentamento aos processos de dominação, discriminação racial, silenciamento e apagamento de suas histórias.

As crianças da comunidade assumem diversas tarefas cotidianamente, sobretudo as atividades domésticas. A realização dessas tarefas pelas meninas e pelos meninos se dá como algo que contribui para a constituição de seu pertencimento à família e à própria comunidade em que nasceram e vivem. No entanto, é válido apresentar algumas questões e preocupações quanto ao trabalho infantil e a necessidade de realização de um diagnóstico da atual situação das comunidades quilombolas brasileiras.

TRABALHO INFANTIL, ALGUMAS REFLEXÕES

O trabalho infantil é um fenômeno social presente ao longo de toda a história do Brasil. Suas origens remontam à colonização portuguesa e à implantação do regime escravagista. Crianças indígenas e meninos negros foram os primeiros a sofrerem os rigores do trabalho infantil em um país que, de início, estabeleceu uma estrutura de produção e distribuição de riqueza fundamentada na desigualdade social. O posterior processo de industrialização correlato da transformação do Brasil em uma economia capitalista manteve intactas tais estruturas, obrigando o ingresso de grandes contingentes de crianças no sistema produtivo ao longo do século XX. (BRASIL, 2004, p. 13).

A realização de tarefas domésticas e a participação nas atividades produtivas pelas crianças são comuns em diversas culturas. Como dito anteriormente, ao longo da história do Brasil meninos e meninas desenvolveram diversas atividades dentro e fora de suas casas em condições precárias, insalubres e perigosas. A legislação brasileira proíbe o trabalho da criança e do adolescente até os 16 anos, e o permite na condição de jovem aprendiz, para os maiores de 14 anos.⁵

A discussão sobre o trabalho infantil é muito complexa, principalmente na perspectiva do uso da mão de obra de crianças e adolescentes por parte de terceiros, os não pertencentes ao núcleo familiar delas. Apesar da crescente diminuição do trabalho infantil (TI) no Brasil nas últimas décadas, devido aos esforços empreendidos ao seu combate, estamos longe de sua completa erradicação. Destaca-se o emprego de meninas

⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente Lei n. 8069/1990; Lei do Aprendiz/CLT n. 10.097/2000 e Decreto Federal n. 5.598/2005.



como trabalhadoras domésticas, prática ainda não extinta na sociedade brasileira, isto está presente desde o período colonial. Também não é raro o emprego da mão de obra infantil em carvoarias, canaviais, pedreiras etc. (SILVA; BELUSSO; ILHA, 2009).

Segundo dados do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil de 2019-2022, as crianças negras e indígenas foram as que mais sofreram com a exploração de sua força de trabalho ao longo dos séculos⁶. Esse quadro não foi alterado ao longo do tempo, considerando-se que 66,2% das crianças que trabalham são negras, 33,3% são brancas e 0,3% são indígenas ou amarelas. A maioria delas exerce atividades agrícolas e domésticas e muitas, cerca de 55%, não recebem nenhuma remuneração pelo seu trabalho. Além disso, entre as que trabalham 6% estão fora da escola (BRASIL, 2019). Esses dados são preocupantes e merecem a atenção de pesquisadores e das políticas públicas.

TRABALHO INFANTIL NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Quanto às populações quilombolas especificamente, não foram encontrados dados sistematizados sobre o TI.⁷ Sabe-se, no entanto, que ele existe e que, em alguns casos, as condições de trabalho são degradantes. As poucas informações encontradas oficialmente sobre o TI em quilombos são derivadas de diagnósticos para implementação de programas do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)⁸. Nesses diagnósticos, estão presentes intenções quanto à necessidade de erradicação do TI nessas comunidades com a implementação de diversos programas, entre os quais o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

Programas como esses foram criados para confrontar o mundo do trabalho na sua dimensão degradante, mas não conseguem dialogar com outras configurações profissionais presentes nas comunidades que não se enquadram nessa condição, mesmo que estas integrem particularidades quanto à forma de organização das famílias para a

⁶ Recentemente, em abril de 2019, o atual presidente da república, extinguiu a Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil, responsável por acompanhar e executar o Plano Nacional de Erradicação do trabalho Infantil.

⁷ Pesquisa realizada na base de dados do IBGE e IPEA.

⁸ https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacao_gestao_PETI.



garantia de seu sustento. Uma dessas distinções é a ideia de colaboração de todo núcleo familiar na execução de determinadas atividades produtivas, inclusive as crianças. Portanto, torna-se necessária a realização de mapeamentos mais consistentes, visando à distinção entre trabalhos degradantes e opressivos, e aqueles que integram práticas tradicionais das comunidades, tanto para as meninas e meninos como para os adultos.

O pesquisador Sandro Silva (2012) desenvolveu um estudo no qual denuncia as condições de trabalho de crianças em carvoarias em quilombos dos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, no Espírito Santo.

Notícias veiculadas na mídia nacional no ano de 2015 apresentaram denúncias alarmantes quanto à existência de tráfico de crianças, em sua maioria meninas, para o trabalho doméstico e prostituição infantil na comunidade Kalunga, localizada no município de Cavalcante, em Goiás:

Quilombola da comunidade do Engenho, Dalila Reis Martins, de 28 anos, contou na audiência pública que meninas kalunga vêm sendo submetidas há décadas ao trabalho infantil e a abuso sexual. Muitas delas seriam vítimas de uma rede de aliciadores que levaria meninas quilombolas para Brasília, Goiânia e Minaçu (norte de Goiás). Dalila passou por essas violações durante a infância e a adolescência. Foi submetida a trabalho infantil em Cavalcante e Brasília. Hoje trabalha para acolher outras meninas quilombolas na mesma situação (EBC, 2015).

Essas denúncias referentes à comunidade Kalunga apontam para a urgente necessidade de se empreender um diagnóstico nacional sobre o TI nas comunidades quilombolas, visando oferecer dados para subsídios a políticas públicas de desenvolvimento das comunidades quanto à geração de emprego e renda, condições de moradia e saneamento básico, segurança alimentar e acesso a uma educação de qualidade ainda na infância.

Beatriz Caitana da Silva (2013), em estudo sobre a invisibilidade de crianças quilombolas nas políticas públicas, destaca a existência do TI em quilombos e as estratégias de ocultamento da existência dele por parte da população. Esse ocultamento é fruto, segundo a autora, do temor das famílias de serem punidas por colocarem suas crianças para trabalharem, principalmente, nas atividades domésticas e nas roças. No entanto, a autora chama a atenção para a necessidade de pensar as realidades quilombolas sem homogeneização, uma vez que cada comunidade tem suas particularidades quanto às atividades produtivas.



O trabalho infantil é um exemplo paradigmático deste processo de ocultação. Ele estabelece uma relação paradoxal quando analisado no contexto das comunidades. A construção social que versa sobre o trabalho infantil, entende-o como algo que reduz o bem-estar social e a qualidade do desenvolvimento psicossocial das crianças, em grande parte por aumentar a evasão escolar, o que é verdade. Mas quando tratamos das crianças quilombolas, é preciso considerar as singularidades de comunidades que se constituem no e pelo trabalho na terra. É um contrassenso, mas arriscamos afirmar que, no caso dos quilombolas, é necessário analisar este tema face a relação existente entre laços de parentesco e o “trabalho na roça”. Ou seja, uma das características do campesinato é o envolvimento dos familiares no trabalho com a terra e, deste modo, é através da participação das crianças nessas atividades que elas constroem seus modos de estar no mundo, apreendem valores e pressupostos ideológicos que darão sentido à sua vida no tempo presente e no tempo futuro (SILVA, 2013, p.7)

Concordo com a autora quanto à necessidade de se analisar o trabalho realizado por meninas e meninos sob outras perspectivas, para além puramente da perniciosidade do TI. É primordial ter duas perspectivas: uma baseada em diagnósticos, que visem à promoção da erradicação dos trabalhos degradantes e insalubres, que roubam o tempo das crianças e dos adultos para as atividades de lazer, de estudo e da convivência comunitária; e outra, que considere as questões culturais relacionadas à participação infantil nas atividades produtivas das famílias e suas tarefas domésticas.

Com isso, buscamos maneiras de analisar as diferentes formas sob as quais aparece o exercício do trabalho pelas crianças em suas comunidades. Aqui, será feita uma breve análise da realização de tarefas infantis que se enquadram nessa segunda perspectiva, ou seja, do seu engajamento em atividades que não se dá de forma violenta, de exploração e nem de usurpação de seu tempo de estudo, lazer e brincadeira.⁹ Nessas atividades, meninos e meninas estão aprendendo a respeito de sua cultura. O trabalhar é uma prática social constante na vida das pessoas de Mato do Tição, e será por meio da história da população negra no Brasil que poderemos compreender como essa prática foi incorporada ao seu cotidiano de vida.

⁹ Em realidade, entre as próprias diretrizes da OIT (Organização Internacional do trabalho, há o entendimento de que nem toda atividade realizada por crianças dentro da propriedade familiar é trabalho infantil. Segundo o texto introdutório do IPEC, que pode ser encontrado no site da OIT, “tarefas apropriadas para a idade da criança, que não ofereçam risco que sejam supervisionadas pelo responsável e que não interfiram em sua atividade escolar ou tempo de lazer, podem ser uma parte normal de uma infância em um ambiente rural” Além de normais, elas poderiam, prossegue o programa “ser positivas na medida em que contribuem para a socialização e transmissão de conhecimentos entre gerações, bem como para a segurança alimentar da criança”. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/documentos/BRASILLIVREDETRABALHOINFANTIL_WEB.pdf. Acesso em 21/07/2020.



A presença dos africanos na diáspora se deu pela sua inserção no trabalho compulsório, a partir da experiência da escravização. Diferentemente do caso do indígena, que, ao ser escravizado, possuía já uma relação ancestral com essas terras e com suas formas de trabalhar. Ao africano, na diáspora, foi imposto outro tipo de relação com a terra e com os trabalhos, forjada nas imposições do serviço compulsório. De acordo com Mattoso (1982), os escravizados foram socializados pelo trabalho, e essa socialização se deu por um engenhoso sistema de coerção e disciplina rígida, castigos físicos, serviços exaustivos e degradantes.

Segundo Vainfas (1986), durante o período da escravidão, à medida que o sistema escravista se consolidava no Brasil, além do árduo trabalho realizado nas terras dos seus senhores, em algumas localidades, os escravizados recebiam o “direito” de cultivar um pequeno pedaço de terra para a sua subsistência, a chamada “brecha camponesa”, que foi sendo legitimada com o passar do tempo. As longas jornadas de segunda a sábado eram complementadas com os serviços nas roças aos domingos. Portanto, o escravizado “habitou-se” ao trabalhar exaustivo e ininterrupto. Mas foi pelo plantio de roças para sua subsistência que conseguiu relativa autonomia, podendo até, em alguns casos, comercializar os excedentes.

Contudo, todo esse sistema contribuiu mais para a manutenção da escravidão do que para a emancipação dos escravizados, forjando um modo de fixação do trabalhador nas grandes plantações. Trabalhando em suas roças, esses indivíduos escravizados livravam os senhores do ônus do seu sustento, um serviço exaustivo imputado como um meio de socialização à ordem escravista. A cultura do trabalho, incorporada aos modos de viver dos africanos no Brasil e de seus descendentes, foi originalmente forjada em seu processo de adaptação e socialização em terras brasileiras.

É do trabalho que o povo de Mato do Tição tira o seu sustento, e no passado isso significou produzir quase tudo o que se consumia. Atualmente isso se modificou na Comunidade e jovens e adultos trabalham intensamente em atividades dentro e fora do Quilombo, e as crianças têm um papel importante nesse processo de manutenção da sobrevivência através de algumas atividades que elas exercem. Elas são colaboradoras principalmente na execução das tarefas domésticas, substituindo suas mães, tias e avós enquanto elas exercem atividades remuneradas em diversos ofícios.



O TRABALHO NA VIDA DAS CRIANÇAS DE MATO DO TIÇÃO EM TRÊS GERAÇÕES

Mas este “mundo” [do trabalho] e os seus círculos de relacionamentos são parte importante da vida de crianças e de adolescentes das comunidades populares. E a própria família nuclear, o próprio grupo doméstico acabam por ser o primeiro círculo de “vida de trabalho” para as crianças. Em muitas casas é comum que crianças com menos de oito anos sejam iniciadas nos pequenos serviços domésticos das “ajudas” às mães e aos pais. Daí em diante para um número grande e crescente de crianças, o trabalho – os seus tempos, as suas redes e a lógica de suas relações – fará parte da vida cotidiana (BRANDÃO, 2002, p.206).

Ao longo da pesquisa de campo, percebemos que o trabalho faz parte da vida das crianças e, claro, dos jovens, adultos e idosos de Mato do Tição. As atividades mais executadas são aquelas associadas aos cuidados com a casa e com as crianças. Na atribuição das atividades, podemos distinguir quais são mais comumente atribuídas às meninas e aos meninos. Enquanto estes executam tarefas relacionadas aos cuidados com a horta, coleta de lenha para o fogão, varredura do quintal, retirada de água da cisterna, algumas meninas realizam praticamente todos os tipos de atividades de cuidados com a casa: limpeza, arrumação, lavar e passar roupa, varrer quintal, fazer comida e cuidar dos irmãos e/ou primos mais novos.

Sobre as meninas, parece recair um peso maior dos trabalhos domésticos, à medida que “vão se tornando mocinhas” (a partir dos dez anos). Mas, desde pequenas, já por volta dos cinco anos de idade, realizam algumas atividades básicas, como lavar vasilhas e dobrar as cobertas da cama. Os meninos, por sua vez, dispõem de uma gama menor de atividades, mas geralmente a partir dos 16anos já começam a trabalhar fora juntamente com pais e tios em atividades como: ajudante de pedreiro, marceneiro, caseiro, vaqueiro etc.

Duas meninas, além das atividades domésticas que exerciam em suas casas aos sábados, vendiam canudinhos de doce de leite fabricados por sua avó no centro do município de Jaboticatubas. Uma delas, de 14 anos, trabalhava como monitora de um transporte escolar. Muitas das atividades são aprendidas espontaneamente pelas crianças, olhando os outros fazerem e, em algumas circunstâncias, contam com a ajuda da mãe, da avó ou da tia.

Diferentemente das crianças dessa nova geração, os mais velhos não tiveram a



mesma condição, e relataram situações exaustivas de trabalho como alternativa à própria sobrevivência e também de sua família. Além disso, os seus estudos ficaram prejudicados devido à longa jornada de trabalho nas roças e em casa.

Em Jaboticatubas, estudei até o segundo ano e saí pra trabalhar, longe... plantar milho, arroz, feijão. Às vezes tava um tempo frio como tá esses dias, nós os irmãos e tudo cortando arroz e nós amarrano e carregano, e depois ia bater o arroz com vara outra hora punha um toco lá e nós batia no toco, pegava os punhado e batia para despencar o arroz. Meus irmãos punha ele no terreiro no jeito já os cachos, ali ele enchia o terreiro e batia com vara para poder despencar. Era esse arroz que plantava e que comia, arroz, feijão...

Aquele coquinho... nós saía cedo passava a mão num saco de alinhagem que tinha de primeiro, virava alto, descia o morro, não tinha coco direito no pasto, caía dentro d'água, entrava dentro d'água, puxava o coco naquele redemoinho da água e jogava pra fora e punha no saco, subia alto até chegar aqui em cima pra virar pra cá, um mucado dele nós levava, na fábrica. Nós vendia ele, dava nós dinheiro e nós comprava um mucadinho de cada coisa... eles fazia gordura, o óleo, azeite amarelo e fazia sabão. E o coquinho fazia gordura de coco pra comer. Mas nós não comprava não, eu mesmo fazia a gordura. Quebrava o coco, punha no pilão, torrava, peneirava, tornava a pôr no pilão e socava até ele melar, socar melar, quando melava colocava na panela e frevia na água e frevia até secar e quando secava e subia a gordura por cima e panhava com a colher, punha água naquela borra, subia e a gente panhava com a colher e com a gordura nós fazia cumê, nós fazia. Não deu jeito de morrer não né, Deus deu jeito pra tudo, e não deu pra quem tem preguiça, pra quem tem preguiça, preguiça não leva ninguém a lugar nenhum não. E assim nós vivia, gordura de coco, gordura de coco (Dona Bina, 75 anos, extraído de SANTANA, 2015, p.149).¹⁰

Como já dito, o tempo, tanto para os estudos quanto para as brincadeiras, era escasso. Dona Bina conta que ela, os irmãos e outros não conseguiam passar de ano na escola, pois não tinham tempo para estudar. Nos dias de provas não conseguiam fazê-las, pois muitos deles haviam trabalhado até tarde da noite anterior fazendo farinha e acabavam desistindo de continuar estudando. Ela se refere a uma época em que o alimento era produzido pelas pessoas da Comunidade, que tinham uma outra relação com a terra, diferente da que as atuais gerações vivenciam. Os alimentos atualmente, em sua maioria, não são mais produzidos ali, e sim comprados. Isso gera um impacto na vida das crianças, que pode ser visto em uma de suas brincadeiras, a de restaurante: um reflexo dessa mudança de relação quanto à produção de produtos alimentícios e seu consumo.

Dona Firmina também relata que trabalhava muito e que só estudou até o quarto ano:

¹⁰ Serão mantidos ao longo do texto os modos de falar das pessoas do Mato do Tição.



Ah! Eu trabalhava muito. A vida minha era muito corrida, muito atribulada. Lavava vasilha, varria terreiro, buscava lenha, lavava roupa pra minha tia... ela tinha aquela meninada e eu que lavava a roupa pra ela, socava o arroz... naquele tempo era arroz vermelho e a gente socava no pilão. Punha bicarbonato e folha de goiaba pra clarear e socava, socava no pilão. Eu gostava muito de escola, mas não tinha tempo de fazer o dever, não tinha tempo. Eu começava a fazer dever e vovó arrumava um trem pra eu fazer, ela falava “que tanto de prova é essa?”, não me dava sossego, eu não parava. Aí eu fui até o quarto ano só. Tinha uma dona na fazenda Henrique Nogueira, na Fazenda de Baixo, ela era professora e pediu pra papai pra eu e minha irmã ficar na casa dela que ela ia ensinar a gente, dá material e tudo. Nós tinha que arrumar a casa pra ela. Mas papai não deixou, ele não gostava de ficar longe de nós. Nós nunca contrariou papai, ele nunca deixou a gente trabalhar na casa dos outros. Mas eu trabalhava era muito aqui em casa, não ficava parada. Era mais trabalho que brincadeira, larguei as bonecas pra lá, eu começava a brincar e vovó chamava pra fazer alguma coisa. Acho que é por isso que eu não acho nada pra me interter, só trabalhar, o dia inteiro mexendo, não sei ficar parada, cada hora eu invento uma coisa pra fazer (Dona Firmina, 57 anos, extraído de SANTANA, 2015, p.150).

Por tudo isso, Dona Firmina estranha quando pede alguma coisa a algum neto ou neta e eles reclamam. Ela diz que “os meninos de hoje já nasceram cansados”. Por sua vez, tanto Acotirene (35 anos) quanto Luíza (30 anos), de uma geração posterior à de Dona Firmina, também relatam que sempre trabalharam muito desde pequenas. A primeira cuidava dos cinco irmãos pequenos durante boa parte do dia e, ao mesmo tempo, aproveitava para brincar de casinha, fazendo brinquedos. Ela também carregava água do córrego e arrumava a casa. A segunda, ainda com sete anos, foi trabalhar numa casa de família para poder comprar material escolar e roupas. Depois do trabalho, ajudava a avó a fazer rapadura para vender. Apesar de tudo isso, Luíza completou o Ensino Fundamental e Acotirene é uma das poucas pessoas do Mato do Tição que possui o Ensino Médio completo, mas foi realizado tardiamente.

O trabalho infantil tinha uma dimensão maior para as outras gerações do que tem hoje para as crianças da Comunidade. Elas não precisam mais realizar trabalhos exaustivos como seus pais, mães e avós, que os faziam como condição necessária e básica para a sobrevivência. Atualmente, trabalham como auxiliares de seus familiares, e parece que o tempo destinado ao trabalho não esvaziou o tempo dos estudos nem das brincadeiras.

As crianças desta geração atual são as primeiras a seguirem nos estudos sem interrupções, não deixando de dispor de bastante tempo para as brincadeiras e outras atividades de lazer. Os serviços que exercem não são encarados pela maioria como um



peso. Elas reconhecem que são importantes para a manutenção das vidas de suas famílias. Algumas dizem que gostam do que fazem. Como geralmente ficam sozinhas boa parte do tempo, elas encontram estratégias para adiar ou antecipar o cumprimento das tarefas: fazem hora, chamam uma amiga para ajudar, fazem depressa antes de a mãe chegar. As meninas e os meninos do Mato do Tição de hoje parecem desfrutar do direito fundamental ao “não trabalho”, neste caso, do trabalho exaustivo desempenhado pelas gerações que lhes antecederam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente artigo, foram apresentadas algumas situações sobre o trabalho infantil em quilombos e também se tentou desvelar alguns mitos em torno do significado do labor realizado por crianças, chamamos a atenção para as particularidades sociais e culturais em torno desse trabalhar. É importante considerar que, ao longo da história, os meninos e as meninas de Mato do Tição tiveram ora maior ora menor participação na vida produtiva da Comunidade, e que esse envolvimento esteve condicionado às necessidades das famílias na garantia de sua sobrevivência.

Não é possível finalizar esse texto sem fazer referência às marcas deixadas pelo processo de escravização em relação ao trabalho exaustivo que permeou a história de vida das últimas gerações do Quilombo Mato do Tição. Herança da escravidão consubstanciada na forma de expropriação do tempo, do trabalho mal remunerado, do labor degradante na lida diária, como garantia de uma sobrevivência mínima em um período em que praticamente tudo que se consumia era produzido internamente no quilombo.

Os relatos das mais velhas sobre suas infâncias apontaram para formas de trabalho nas quais as pessoas foram expostas desde crianças, configurando uma marca comum à vida da população negra na diáspora, que teve como sua primeira forma de inserção no “Novo mundo” o trabalho compulsório, ação essa que forjou os primeiros laços de pertencimento dos africanos em terras brasileiras, e que após a abolição da escravidão permaneceu como parte constituinte do ser negro no Brasil. O africano povoou este país e o fez inicialmente na condição de escravizado. A insubordinação na lida diária



era retaliada com severos castigos, a disciplina foi adquirida através de formas mais aviltantes de negação do ser humano.

Não queremos com isso desconsiderar as outras formas “não violentas” de coerção dos escravizados, que foram sendo tecidas ao longo da escravidão. Violências não são somente físicas, pois existem outras tantas formas violentas, como a segregação dos espaços e contínuos processos de inferiorização do africano reduzido à categoria de negro, reforçando um quadro de dominação e subordinação que não esteve imune a múltiplos conflitos e estratégias de resistência, mas que consolidou o regime escravista moderno.

Ainda nos relatos das mais velhas, a intensidade do trabalho em suas vidas deixou à mostra as marcas da ideologia escravagista, imprimindo cicatrizes em muitas gerações. Essas realidades reforçam a importância de políticas públicas, voltadas para as comunidades quilombolas em diversos aspectos, e, nesse caso especial, para aquelas do mundo do trabalho e produção de condições dignas para a vida. Tais propostas cidadãs precisam considerar as tradições e as dinâmicas culturais de cada comunidade em seu entrelaçamento com suas formas específicas de fazer, saber e viver as infâncias.

Em última análise, neste Brasil atropelado por uma pandemia, com um governo ineficiente em todos os aspectos e especialmente na efetivação de políticas sociais, é necessário ampliar o debate sobre as condições de vida de todas as crianças e em especial daquelas que historicamente vêm sendo atacadas em todos os seus direitos. Ao mesmo tempo torna-se importante considerar a infância em suas pluralidades e experiências, na elaboração de políticas públicas, para que seja possível a todas elas experimentarem vidas dignas, sem os assombramentos: da exploração, da fome, da falta de liberdade, de moradia e dignidade.

Muitas indagações vão se avolumando. Como será o mundo para todas as crianças pós-pandemia? Especialmente aquelas das camadas populares, negras, quilombolas e indígenas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVILAQUA, P. *Mulheres, violência e pandemia de Coronavírus*. FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <<http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>>. Acesso em 30/07/2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como Cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome. *Orientações Técnicas Gestão do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil no SUAS*. Brasília, DF, [20-]. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacao_gestao_PETI.pdf>. Acesso em: 04/08/2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho (MT). *III Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente*. Brasília, DF, 2019. 52 p. Disponível em: <https://fnpeti.org.br/media/documentos/III_Plano_PETI_-_2019_-_2022.pdf>. Acesso em: 04/08/2020.

CORSARO, William A. *A reprodução interpretativa no brincar ao “fazer de conta” das crianças*. Educação, Sociedade e Cultura. São Paulo: 2002, n. 17, p. 113-134.

DEEPASK. *Trabalho infantil: Veja população infantil ocupada por cidade do Brasil - QUILOMBO, SC*. 2010. Disponível em: <<http://www.deepask.com/goes?page=quilombo/SC-Confira-a-taxa-de-trabalho-infantil-e-a-populacao-infantil-ocupada-no-seu-municipio>>. Acesso em: 27/07/2020.

EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadadnia/2015/04/parlamentares-querem-ajuda-do-ministerio-da-justica-para-coibir-abusos-emgoias>. Acesso em: 24/07/2020.

EMICIDA; BARBOSA, DRIK. *Semente*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. (3:52 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C7I0AB--I3c>>. Acesso em: 25/07/2020.

GÓES, José Roberto; FLORENTINO, Manolo. *Crianças escravas, crianças dos escravos*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

KRAMER, Sônia. *A infância e sua singularidade*. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Ensino Fundamental de Nove Anos*. Brasília-DF, 2007. p. 13-24.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (Orgs.). *Infância e Produção Cultural*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MATTOSO, Kátia. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *A criança escrava na literatura de viagens*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 31, p. 57-98, dez. 1979.

SANTANA, Patrícia. *Modos de Ser Criança no Quilombo Mato do Tição, Jaboticatubas-MG*. Tese (doutorado) em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa da Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão social. Belo Horizonte, 2015.

_____. *As Pluralidades do ser Criança no Quilombo Mato do Tição – MG*. Revista da ABPN, v. 10, Caderno Temático: Letramentos de Reexistências. Brasília: ABPN, 2018. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/530>>. Acesso em: 29/07/2020.

SANTANA, Patrícia; GOMES, N. L.; GOMES, A. M. R. *Desafios metodológicos na pesquisa com crianças no Quilombo Mato do Tição (MG)*. In: MIRANDA, S.; GOMES, N. L. *Diálogos entre sujeitos, Práticas e Conhecimentos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

SANTOS, Maria Walburga dos. *Educação Quilombola: nas trilhas com as crianças e o lúdico*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 8, n. 18, p. 185-214, fev. 2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/48>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. *Geração e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. In: REVISTA Educ. Soc. Campinas: CEDES, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

_____. *Sociologia da Infância: correntes e confluências*. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, Maria Cristina. Estudos da Infância – Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes, p.17-39, 2008.

_____. *Infância, Diversidade e Expressão Simbólica*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, MOVIMENTOS SOCIAIS E SUSTENTABILIDADE. Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.rizoma3.ufsc.br>>. Acesso em 25/08/2010.

SILVA, Beatriz Caitana. *Infância Quilombola – (in) visibilidades, territórios e identidade*. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as, Coimbra: CES, set. 2013.

_____. *A Construção da (In) Visibilidade da Infância Quilombola; o papel do Estado e Movimento Social*. Dissertação (mestrado) em Sociologia. Universidade de Coimbra. Portugal, 2011.

SILVA, E. R. A.; OLIVEIRA, V. R. *Nota Técnica n. 70: Proteção de crianças e adolescentes no contexto da Pandemia COVID-19*. Brasília, DF: IPEA, Maio. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10041/1/NT_70_Disoc_Protecao%20de%20Crianças%20e%20Adolescentes%20no%20Contexto%20da%20Pandemia%20da%20Covid_19.pdf>. Acesso em: 26/07/2020.

SILVA, J. F.; BELUSSO, S. L.; ILHA, A. S. *Algumas considerações sobre exploração do trabalho infantil*. Revista Sociais & Humanas. Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2009. ISSN online 2317-1758. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/721/497>>. Acesso em: 20/07/2020.

SILVA, Sandro. *Cartografia social das Comunidades Quilombolas e o Carvão no sapé do Norte*. Universidade Federal do Espírito Santo. Projeto Nova Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil. Vitória, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301225584_Cartografia_Social_dos_quilombolas_e_o_carvao_no_Sape_do_Norte>. Acesso em: 18/07/2020.

SLENES, Robert. *Na senzala uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SIROTA, Régine. *Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do Objeto e do Olhar*. Cadernos de Pesquisada Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

SUCUPIRA, Fernanda; GUERRERO, Natália; T BRIANEZI, Thaís. *Brasil livre de trabalho infantil*. Repórter Brasil - Organização de Comunicação e Projetos Sociais. São Paulo, s/d. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Brasil-Livre-de-Trabalho-Infantil-Reporter-Brasil.pdf>>. Acesso em 27/07/2020.



SOF-Sempre Viva Organização Feminista; GÊNERO E NÚMERO. *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Relatorio_Pesquisa_SemParar-1.pdf>. Acesso em 08/08/2020.

UNICEF. *Nota Técnica: Proteção da criança durante a pandemia do Coronavírus*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2020-04/nota-tecnica_protecao-crianca-durante-pandemia-coronavirus_0.pdf>. Acesso em: 08/08/2020.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Recebido em: 30/07/2020

Aprovado em: 15/08/2020